

ANÁLISE DA ARRECADAÇÃO DE ICMS DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO GAÚCHA E SUA RELAÇÃO COM O PIB DO ESTADO NO PERÍODO ENTRE 2006 E 2016

BEHLING, Carla Isabeli^{1*}, KALKMANN, Márcio Leandro²

^{1,2} FAHOR, Curso de Ciências Econômicas, Faculdade Horizontina, Unidade Centro, Rua Buricá, 725, Horizontina, RS, Brasil.

*cb002466@fahor.com.br

RESUMO

O presente artigo visou relacionar o ICMS da Indústria de Transformação com o PIB a preços de mercado da economia gaúcha no período entre 2006 e 2016, tendo por base dados secundários disponíveis no Portal de Transparência da FEE - Fundação de Economia e Estatística. Além de dados secundários, realizou-se pesquisa exploratória para entender a atuação do setor referido na economia e compreender sua participação histórica. Analisou-se os percentuais de ICMS sobre o total arrecadado anualmente, observando quedas e elevações nos volumes arrecadados. Os resultados alcançados mostram que a relação entre ICMS e PIB estão presentes e podem estreitar o entendimento sobre as eventuais sazonalidades de arrecadação com perdas de produção cíclicas. O PIB do Rio Grande do Sul vem apresentando percentual negativo desde 2014, já a indústria de transformação vem se recuperando depois da grave recessão do Estado.

Palavras chave: ICMS. Indústria de Transformação. Economia gaúcha. PIB.

ANALYSIS OF ICMS COLLECTION OF THE TRANSFORMATION INDUSTRY IN RS AND ITS RELATION TO THE PIB OF THE STATE IN THE PERIOD BETWEEN 2006 AND 2016

ABSTRACT

The present article aimed to relate the ICMS of the Transformation Industry to GDP at market prices in the state of Rio Grande do Sul, Brazil in the period between 2006 and 2016, based on secondary data available at the Transparency Portal of FEE - Fundação de Economia e Estatística. In addition to secondary data, exploratory research was conducted in order to understand the performance of the referred sector in the economy and to realize its historical participation. The percentages of ICMS were analyzed over the total collected annually, observing falls and elevations in the volumes collected. The results show that the relationship between ICMS and GDP is present and can come to a deeper understanding of the possible

seasonalities of tax collection with cyclical production losses. The GDP of Rio Grande do Sul has presented a negative percentage since 2014, since the manufacturing industry has been recovering after the severe recession of the State.

Keywords: ICMS. Transformation industry. Economy of the state of Rio Grande do Sul. Gross Domestic Product.

1 INTRODUÇÃO

O processo de crescimento econômico mundial foi conduzido, principalmente, pela indústria, que diz respeito à transformação de matérias-primas em produtos, seja física, química e biológica desses materiais, das substâncias e componentes para obter produtos novos. Consolida papel fundamental sobre a economia, ao gerar crescimento, pelo fato de ser o setor que mais emprega indivíduos formalmente, além de contribuir significativamente com a exportação.

A indústria de transformação (IT) divide-se em *indústria de bens intermediários* e *indústria de bens de consumo*, constituída, portanto, de produtos alimentícios e de bebidas; produtos do fumo; produtos têxteis e confecção de artigos do vestuário e acessórios; preparação e fabricação de couros e calçados; móveis e produtos de madeira; celulose, papel e produtos de papel; produtos químicos, farmoquímicos e farmacêuticos. Também é formada por produtos de minerais não-metálicos, metalurgia e máquinas e equipamentos, produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos; informática, eletrônicos e ópticos e aparelhos e materiais e elétricos; veículos automotores, reboques e carrocerias; outros equipamentos de transporte exceto veículos automotores; produtos de borracha e de material plástico.

A última década representou tanto crescimento como quedas na economia, portanto o estudo é de suma importância, sabendo que o ICMS influencia diretamente esses resultados. Sendo ele o imposto sobre circulação de mercadorias e serviços, é o maior tributo do sistema nacional em volume de arrecadação e principal fonte de receitas próprias dos governos estaduais.

A partir de pesquisa exploratória em materiais já publicados e em dados secundários, com informações consolidadas, busca-se neste estudo entender o papel fundamental da indústria de transformação gaúcha sobre a economia do estado a partir da arrecadação de

ICMS; analisar os dados encontrados, tendo por base informações disponibilizados pela Fundação de Economia e Estatística (FEE), de modo a discuti-los, comparando com a evolução ou queda do produto interno bruto (PIB) estadual a preços de mercado, procurando responder ao problema do proposto artigo: qual é o padrão cíclico da relação entre volume de ICMS arrecadado pelo setor de indústria de transformação e o PIB gaúcho?

2 DESENVOLVIMENTO E DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1.1 A indústria de transformação gaúcha

A expectativa sobre o futuro da economia gaúcha está fundamentada na conjuntura de que a indústria de transformação, um de seus setores mais tradicionais, apresenta problemas a serem solucionados. A avaliação sobre a indústria de transformação tem ocasionado discussões distintas a respeito da colocação econômica estadual, abrangendo dois vetores. O primeiro ressalta a necessidade de modificar o modelo da estrutura produtiva, buscando novos investimentos em esferas ainda não existentes, concluindo a matriz produtiva, em especial, a produção de bens de consumo duráveis, de modo a impulsionar o crescimento futuro. O segundo vetor destaca os ramos tradicionais da indústria gaúcha, conduzidos por ações públicas, que tornam possível externalidades econômicas, constituindo um adicional de valor agregado, impulsionando a dinâmica da economia local (ACCURSO, 2000, p.45).

Na década de 1950 a indústria gaúcha era formada por métodos de melhoria de produtos primários focados na demanda interna ligada com a produção agrária local, sendo que, por causa deste aspecto a produção estava restringida ao mercado gaúcho e de maneira secundária ao mercado nacional (PEREIRA & ARENDT, s/d, p.08). Para tornar maior sua importância no panorama nacional o governo gaúcho usou o endividamento como forma de sustentar os investimentos básicos para suprir as aberturas da economia gaúcha à industrialização. A produção industrial fundamentava-se na extração do excedente absoluto, e a fraca capacidade de consumo da população urbana e rural impossibilitava a produção em escala e a vinda de tecnologias adiantadas (MAESTRI, 2010, p.364).

De acordo com Pereira & Arendt (s/d, p.11):

No período do Plano de Metas, o Rio Grande do Sul foi deixado de lado, no sentido de que recebeu uma parcela insignificante dos investimentos do governo federal para a promoção do desenvolvimento industrial. Nesse sentido, a década de cinquenta foi um período extremamente desfavorável para a indústria gaúcha, que cresceu não só abaixo da média nacional, mas significativamente aquém da taxa do complexo paulista (...). Assim, tendo o Rio Grande do Sul uma estrutura industrial de pequenas fábricas e baixa acumulação de capital, o resultado da integração e da característica de grandes unidades de produção no centro do país, aptas a atender o mercado interno, foi novamente, a perda de participação a nível nacional de suas indústrias.

Para Lazzari (2010) a indústria de transformação no Rio Grande do Sul apresenta duas características principais: a primeira é muito dependente do mercado externo (diminuição das exportações ligadas a reduções no produto industrial); e a segunda, por conta da ligação entre as atividades manufatureiras e o setor primário, o comportamento do produto industrial é influenciado pelo desempenho do setor agropecuário. Conforme Passos e Campos (1997, p.37):

(...) as diversas peculiaridades em termos de composição industrial que caracterizam a estrutura da indústria gaúcha fazem com que, inúmeras vezes, a mesma experimente quedas e retomadas no crescimento da produção com intensidades diferentes daquelas apresentadas em nível nacional, embora exista uma convergência quanto ao sentido da evolução da produção industrial.

De acordo com Castilhos (2017), a atual recessão vivida pelas indústrias de transformação brasileira e sul-rio-grandense, iniciada em 2013, apresentou as menores taxas em dezembro de 2015 e janeiro de 2016.

Em dez./2015, o Brasil registrou uma taxa de crescimento anualizada da produção industrial de -9,8%, e o RS, de -11,5%. A partir do primeiro trimestre de 2016, ambas as curvas parecem ter encontrado seu ponto de inflexão (CASTILHOS, 2007).

Conforme exposto por Cruz (2017) no Brasil, entre 1980 e 2009, ocorreram oito períodos de recessão, com duração média de 15,8 meses, segundo afirmativas do Comitê de Datação dos Ciclos Econômicos (Codace-Ibre-FGV). As mais profundas recessões do País aconteceram na década de 80 e no início da década de 90, com duração média de 26 meses. Em 2014, o Brasil penetrou em sua mais atual e longa recessão desde a década de 80, sendo esta, a mais extensa de sua história.

A indústria foi um dos setores que mais sofreu no Estado. O Valor Adicionado Bruto (VAB) da indústria gaúcha, nos últimos três anos, sofreu queda de aproximadamente 18%, sendo a maior parte relativa à indústria de transformação. Contudo é justamente nessa atividade onde começam a aparecer os primeiros sinais de arrefecimento na contração do setor, talvez na própria recessão no Rio Grande do Sul (CRUZ, 2017).

De acordo com Contri (2017) a indústria de transformação no Rio Grande do Sul, demonstrou, entre janeiro e novembro de 2016, uma queda acumulada de 4,3% na produção física em comparação ao mesmo período em 2015. No acumulado do ano, essa performance

esteve relativamente acima da apresentada pelo País, que mostrou uma diminuição de 6,9% no volume de produção.

A expectativa de restabelecimento da indústria de transformação nacional tem sido vista como o principal componente dinâmico de uma casual recuperação da economia brasileira. Em que afetem a melhora das possibilidades dos empresários do setor, o crescimento das exportações e a propensão de estabilização da produção na margem, os dados demonstram um crescimento lento diante de um patamar suficientemente reduzido. A indústria do Rio Grande do Sul, via de regra, expõe uma maior variabilidade em relação à média nacional, sendo uma das mais diferenciadas do País. “Tal fenômeno é próprio das economias regionais, haja vista a maior concentração de determinados setores ou o menor número de empresas em cada setor” (HOFF, 2016).

2.1.2 ICMS, PIB e a indústria de transformação

Localizado no sul do Brasil, o Estado do Rio Grande do Sul é a quarta economia do País, atingindo um PIB de R\$ 82,4 bilhões em 1999 (ACCURSO, 2000). De acordo com Schettert (2009), economista da FEE, o PIB do Rio Grande do Sul é o quarto maior do País, obtendo crescimento, em termos reais, de 7,0% em 2007, atingindo o valor de R\$ 175,2 bilhões. Esse bom comportamento da economia gaúcha em 2007 resgatou a participação em torno de 7% sobre a economia brasileira. A indústria gaúcha teve participação de 30% sobre o PIB, com forte crescimento de 7,2%, cabendo à indústria de transformação, o segmento mais relevante do setor, um desempenho de 7,9%. Sabe-se que a indústria é responsável pela carga tributária mais elevada entre todos os setores, sendo praticamente o dobro refletido sobre a atividade produtiva em sua totalidade.

Meneghetti Neto (2010) e Meneghetti Neto (2012) apresentam expectativas da elasticidade de longo prazo do ICMS em relação ao PIB estadual. No primeiro estudo, o período vai de 1970 a 2009, e no segundo, o período é entre 1970 e 2011. Os estudos apresentam limitações significativas. Uma delas considera a elasticidade ICMS-PIB sem levar em conta as mudanças nas alíquotas de ICMS ao longo do tempo, além das alterações de composição da base tributária. O ICMS representa cerca de 90% da receita tributária estadual. A outra limitação diz respeito ao cálculo do PIB, em que está incluído o valor dos impostos sobre os produtos, entre os quais o ICMS. O mesmo é definido pelo PIB, mas o PIB, por sua vez, é determinado pelo ICMS, o que quebra a ideia de que as variáveis esclarecedoras não são correlacionadas com o erro.

De acordo com Souza (2010) o imposto sobre circulação de mercadorias e serviços e o produto interno bruto relacionam-se de maneira dependente. O ICMS forma-se da comercialização de bens e serviços e esse impulso depende da renda do país. Dessa forma, entende-se que, determinada parte da renda reservada para compras se converte em ICMS. Logo, aumentos na renda do Estado colaboram para o aumento da arrecadação. Já um comportamento de renda inalterável ou descendente reflete nos impostos. Os impostos não devem crescer da mesma forma que cresce o PIB, pois em uma imprevista crise econômica, o Estado pode ter problemas com seus orçamentos já comprometidos com atividades de custeio. Segundo o autor:

Numa economia em que se observa quase um “clamor” por limitação ao poder de tributar, o fato do PIB expandir e o ICMS não “capturar” fatias equivalentes ao erário, é de certa forma, um alívio aos agentes e uma oportunidade à eficiência econômica. Uma carga menor de impostos sobre acréscimos do produto, funciona com um estímulo ao mercado. Outra derivação importante desse raciocínio é que, à medida que a riqueza social aumenta, um setor público equilibrado prescinde de novas inversões tributárias, cenário favorável, já que as despesas públicas apresentam certa rigidez no curto prazo, o que tende ao comprometimento do equilíbrio fiscal (SOUZA, 2010).

A Fundação de Economia e Estatística dispõe de dados importantes a respeito dos setores da economia, bem como indicadores que levem os leitores a um conhecimento a respeito. Observa-se na Tabela 1, abaixo, a soma da arrecadação de ICMS, em R\$, de todos os setores, e também a arrecadação do mesmo da indústria de transformação, entre os anos de 2006 e 2016, evidenciando a variação do ICMS total do período.

Tabela 1: Arrecadação de ICMS entre 2006 e 2016

Período (anual)	Indústria de transformação (R\$)	Total anual – contabilizado todos os setores (R\$)	Varição (%) do ICMS Total entre 2006 e 2016
2006	4.857.226,00	11.813.299,00	1,0*
2007	4.961.277,00	12.257.685,00	3,76
2008	5.647.489,00	14.825.153,00	20,95
2009	6.610.976,00	14.724.071,00	-0,68
2010	8.108.501,00	17.298.434,00	17,48
2011	7.694.232,00	19.502.930,00	12,74
2012	8.322.145,00	21.378.208,00	9,62
2013	11.443.471,00	24.060.565,00	12,55
2014	12.083.016,00	25.854.213,00	7,45
2015	11.984.349,00	27.125.892,00	4,92
2016	13.030.093,00	30.171.989,00	11,23

Fonte: Fundação de Economia e Estatística (FEE)/FEEDADOS

* ano base deste estudo

Conforme a tabela 1 acima, divulgados pela FEE (2017), percebe-se que a variação (%) do ICMS gaúcho entre 2006 a 2016 teve por média 10,0%.

Tabela 2: Produto Interno Bruto, a preços de mercado, e índice de volume entre os anos 2006 e 2016

ANO	VALOR (R\$)	ÍNDICE DE VOLUME	
		(2010=100)	Variação (%)
2006	147.623.000,00	106,6	4,1
2007	168.010.000,00	113,8	6,7
2008	190.230.000,00	117,1	2,9
2009	204.345.000,00	115,8	-1,1
2010	241.249.000,00	123,8	6,9
2011	265.056.000,00	129,5	4,6
2012	287.587.000,00	126,7	-2,1
2013	332.293.000,00	137,5	8,5
2014	357.816.000,00	137,2	-0,3
2015	383.803.000,00	132,5	-3,4
2016	410.276.000,00	128,5	-3,1
Média da Variação (%) de 2006 a 2016			2,3%

Fonte: Adaptado pelos autores a partir dos dados da FEE, Centro de Informações Estatísticas, Núcleo de Contas Regionais.

Conforme tabela 2 acima, divulgados pela FEE (2017), percebe-se que a variação (%) do PIB gaúcho entre 2006 a 2016 teve por média 2,3%.

2.2 MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo baseou-se em seis passos. O primeiro, para compreender a indústria de transformação e sua ativa participação na economia gaúcha, usou-se pesquisa utilizada exploratória em materiais já publicados, tendo embasamento em trabalhos de autores confiáveis. De acordo com Zikmund (2000), a pesquisa exploratória pode ser definida da seguinte maneira:

[...] Esses trabalhos são conduzidos durante o estágio inicial de um processo de pesquisa mais amplo, em que se procura esclarecer e definir a natureza de um problema e gerar mais informações que possam ser adquiridas para a realização de futuras pesquisas conclusivas. [...] a pesquisa exploratória também é útil, pois, normalmente, para um mesmo fato organizacional, pode haver inúmeras explicações alternativas, e sua utilização permitirá ao pesquisador tomar conhecimento, se não de todas, pelo menos de algumas delas.

No segundo passo houve pesquisa em dados secundários de domínio público, encontrados na página eletrônica da FEE, responsável pela disponibilidade de informações contendo valores e índices de volume de indicadores, como o ICMS e o PIB, de diversos

setores influenciadores da economia. Dados secundários, conforme Mattar (1996):

[...] são aqueles que já foram coletados, tabulados, ordenados e, às vezes, analisados e que estão catalogados à disposição dos interessados. As fontes básicas de dados secundários são: a própria empresa, publicações, governos, instituições não governamentais e serviços padronizados de informações de marketing.

O terceiro passo foi entender qual a variação do ICMS total de cada ano, diminuindo o valor de um ano pelo valor do ano interior, dividindo o resultado por esse último e multiplicando por cem. No quarto passo, a partir dos dados da FEE, Centro de Informações Estatísticas, Núcleo de Contas Regionais sobre o PIB a preços de mercado (Tabela 2), calculou-se a média da variação entre os anos estudados. O quinto passo promoveu a relação entre ICMS e PIB, após ter calculado a variação do ICMS da Indústria de Transformação (Tabela 4), utilizando o mesmo procedimento descrito no primeiro passo, além de um gráfico representativo.

Por último, os dados secundários e os dados em percentual obtidos foram analisados e discutidos, com o intuito de responder ao problema de pesquisa e entender o quanto a arrecadação de ICMS do setor de indústria de transformação influencia na economia e no PIB gaúcho, diante dos resultados compreendidos, tendo em vista que, segundo Paulo Souza (2010), há uma relação de dependência entre ICMS e PIB.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A participação do setor de indústria de transformação sobre a arrecadação de ICMS na última década pode ser vista na Tabela 3. A partir do ano base, 2006, o ano de 2007 apresentou variação de 2,14%. Teve significativo aumento em 2008, quando sua variação chegou a 13,83%. Continuou elevando-se em 2009, com 17,06%, diferença positiva de 3,23% em relação ao ano interior. Em 2010, o índice de variação foi ainda maior, 22,65%, já em 2011, apresentou queda considerável, chegando a -5,11%. Voltou a crescer em 2012, cuja variação foi de 8,16%, mantendo o crescimento em 2013, com 37,51%, aumento de 29,35%. Em 2014, mostrou variação de 5,59%, uma queda de 31,92% se comparado ao ano interior. Foi negativo em 2015, quando chegou a -0,82%, crescendo novamente no último ano, com variação de 8,73%. A média de variação de ICMS da IT entre o período estudado foi de 10,9%, maior que a média do PIB, que foi de 2,3%.

Como identificado na Tabela 2, no ano de 2006, o PIB gaúcho apresentou um percentual de variação de 4,1%. Esse índice cresceu para 6,7% em 2007, uma variação de 2,6%. Em 2008, decresceu para 2,9%, tonando-se negativo em 2009, ao apresentar taxa de -

1,1%. Apresentou elevação expressiva em 2010, 6,9%. No ano de 2011, teve queda de 2,3% comparado ao ano anterior, chegando a 4,6%, e sendo negativo no ano seguinte, com -2,1%. Em 2013, apresentou um índice significativo, de 8,5%. Voltou a ter queda em 2014, mantendo-se até 2016. Nesses anos, as taxas apresentadas foram, respectivamente, -0,3%; -3,4% e -3,1%. Essa queda consecutiva determina a crise mais longa registrada. Esses dados dizem respeito ao fato de que, o governo gastou muito mais que arrecadou, diante de uma crise financeira que dura há décadas.

Em 2012, o cenário econômico era desfavorável, o que já vinha sido previsto, portanto, o PIB foi negativo. Nesse mesmo ano, a indústria de transformação, com relação a arrecadação de ICMS, apresentou crescimento significativo quando comparado ao ano anterior. A economia voltou a recuperar-se em 2013, depois da recessão do ano anterior, onde a arrecadação de ICMS da indústria de transformação atingiu um bom índice. Em 2016, a indústria de transformação apresentou positividade, sendo a fabricação de máquinas e equipamentos o destaque, percebido no 4º trimestre de 2016. Foi o primeiro setor a sentir a desaceleração econômica, ainda em 2014, mantendo essa recessão em 2015, onde a indústria de transformação, e a fabricação não estavam bem, se recuperando no ano seguinte. O cenário desfavorável da indústria de transformação ocasiona desempregos, além da restrição ao crédito, diminuindo os investimentos.

Tabela 3: ICMS IT (R\$) entre 2006 e 2016, e índice de volume no mesmo período

ANO	ICMS IT (R\$)	ÍNDICE DE VOLUME	
		(2010=100)	Variação (%)
2006	4.857.226,00	154,6	1,0*
2007	4.961.277,00	160,0	2,14
2008	5.647.489,00	178,3	13,83
2009	6.610.976,00	226,8	17,06
2010	8.108.501,00	239,2	22,65
2011	7.694.232,00	246,4	-5,11
2012	8.322.145,00	267,8	8,16
2013	11.443.471,00	280,1	37,51
2014	12.083.016,00	307,8	5,59
2015	11.984.349,00	*	-0,82
2016	13.030.093,00	*	8,73
Média da Variação (%) de 2006 a 2016			10,9%

Fonte: Adaptado pelos autores a partir dos dados da FEE, Centro de Informações Estatísticas, Núcleo de Contas Regionais.

*não divulgado

Percebe-se que a variação (%) do ICMS da Indústria de Transformação entre 2006 a 2016 teve por média 10,97%.

Nota-se que a variação do ICMS IT guarda uma relação com a variação do PIB, como exposto na tabela 4. Observa-se que há certa discrepância entre todos os anos, apresentando evidências maiores nos anos de 2009, 2011, 2013, 2015 (relação de queda significativa) e 2016. No ano de 2009, a variação do ICMS arrecadado pela indústria de transformação foi positiva (17,06), e do PIB, negativa, com -1,1%. Ocorreu o inverso em 2011, em que o PIB apresentou índice positivo, e a arrecadação de ICMS, negativo. Essa positividade do PIB gaúcho coloca o Estado em boa posição em relação ao resto do país, sabendo que a desaceleração da economia foi menor. Nesse ano, os efeitos da crise internacional, levaram a uma nova redução do PIB. O ano de 2013 foi o melhor ano entre o período estudado. Ambos os indicadores foram positivos, sabendo que esse ano foi atípico, graças ao desenvolvimento econômico e social, esforço do governo do estado, refletindo nos investimentos e empregos. O crescimento da arrecadação de ICMS foi superior a média nacional. Os anos de 2015 e 2016 trouxeram inúmeros problemas econômicos e escândalos políticos, afetando a produtividade do setor em questão, impactando o produto interno bruto.

Tabela 4: Variação do ICMS da IT e variação do PIB

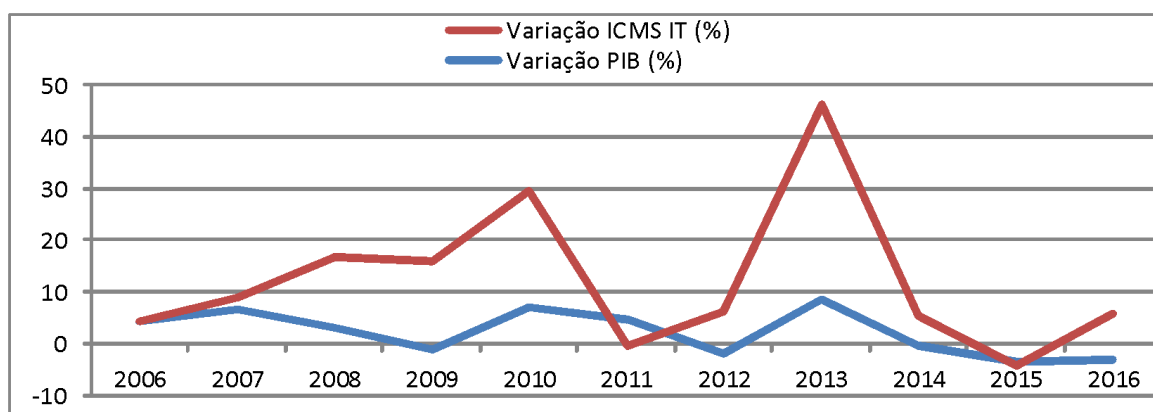
Período	Variação (%) ICMS IT	Variação (%) PIB
2006	1,0*	4,1
2007	2,14	6,7
2008	13,83	2,9
2009	17,06	-1,1
2010	22,65	6,9
2011	-5,11	4,6
2012	8,16	-2,1
2013	37,51	8,5
2014	5,59	-0,3
2015	-0,82	-3,4
2016	8,73	-3,1

Fonte: Criado pelos autores (2017)

*ano base deste estudo

Percebe-se, portanto, que a variação (%) do PIB em relação a variação (%) do ICMS da indústria de transformação apresenta uma significativa intervenção econômica, pois a produção é dependente dessa influência, contrastando na economia gaúcha de maneira volátil, conforme mostra o gráfico abaixo referente a variação do ICMS IT pela variação do PIB. As receitas tributárias do ICMS se relacionam com o desenvolvimento econômico do Estado.

Figura 1: Gráfico representativo das variações de ICMS e PIB



Fonte: Criado pelos autores (2017)

CONCLUSÃO

Portanto, o presente artigo trouxe um entendimento maior sobre a indústria, mais especificamente, a indústria de transformação gaúcha, setor extremamente importante para economia do Estado e também para a economia Nacional. É ela, responsável pela arrecadação de grande parte de ICMS anualmente, estando à frente dos demais setores no que diz respeito a esse imposto que incide sobre a circulação de mercadorias e serviços. Percebe-se que, grande parte do que a indústria produz é revertida em imposto. Isso possibilita maior competitividade e menor abertura a investimentos. Essa questão faz com que a indústria demore a se restabelecer quando acontece uma crise econômica. Também, os objetivos propostos por este trabalho foram cumpridos, ao analisar as informações obtidas através de dados secundários confiáveis no portal de transparência gaúcho da FEE. A pesquisa exploratória demonstrou que a indústria de transformação é destaque na economia do Rio Grande do Sul. Os dados alcançados através de cálculo feito conduz a um esclarecimento maior sobre a participação evidenciada do setor, tendo por base o ICMS arrecadado sobre o total anual de todos os setores, além de sua representatividade sobre o PIB. A arrecadação do ICMS e o PIB são dados que demonstram o quanto a economia produziu em bens e serviços e

quanto o Tesouro conseguiu arrecadar, e sabe-se que a indústria necessita de matéria-prima para transformar e produzir. Nota-se que não há representatividade alterada nos demais setores de atividades econômicas do estado. Portanto, pode-se observar certo padrão comportamental entre ICMS e PIB. Os resultados alcançados mostram que a relação entre ICMS e PIB estão presentes e podem estreitar o entendimento sobre as eventuais sazonalidades de arrecadação com perdas de produção cíclicas. Para que o crescimento, tanto do setor como do PIB seja constante, é necessário a participação forte do governo, ao organizar as contas públicas, buscando uma confiança na economia e no mercado financeiro, sabendo, também, que um plano econômico influencia na arrecadação de ICMS.

REFERÊNCIAS

ACCURSO, Jorge S. **Economia gaúcha e reestruturação nos anos 90**. Porto Alegre: FEE, 2000 – 515p. ISBN 85-7172-002-4.

CONTRI, André Luis. "**A produção industrial no RS, em 2016, e suas perspectivas de crescimento**," em Carta de Conjuntura FEE. Disponível em < <http://carta.fee.tche.br/article/a-producao-industrial-no-rs-em-2016-e-suas-perspectivas-de-crescimento/> > Acesso em: 12.maio.2017.

FEEDADOS. **ICMS arrecadado por setor**. Disponível em < <http://feedados.fee.tche.br/feedados/#!pesquisa=0> > Acesso em: 06.maio.2017.

HOFF, Cecília Rutkoski. "**Recuperação na indústria de transformação?**," em Carta de Conjuntura FEE. Disponível em < <http://carta.fee.tche.br/article/recuperacao-na-industria-de-transformacao/> > Acesso em 12.maio.2017.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de Marketing: Metodologia e Planejamento**. São Paulo: Atlas, 1996.

MENEGHETTI NETO, Alfredo. **A crise das finanças públicas gaúchas**. In: CONCEIÇÃO, Octávio A. C.; GRANDO, Marines Z.; TERUCHKIN, Sonia U.; FARIA, Luiz A. E. (organizadores) *Três Décadas de Economia Gaúcha – O movimento da produção*. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 2010.

MENEGHETTI NETO, Alfredo. **O desempenho das finanças públicas estaduais em 2011**. Indicadores Econômicos, Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, Porto Alegre, v.39, n.4, p.31-42, 2012.

PASSOS, Maria Cristina; CAMPOS, Silvia Horst. **O desempenho da indústria em 1996**. Indicadores Econômicos FEE, Porto Alegre, 1997, v. 25, n.1. p. 31- -51.

SCHETTERT, Maria Conceição. **Contas regionais - O desempenho da economia gaúcha em 2007**. Disponível em < http://cdn.fee.tche.br/indicadores/35_04/2-parte.pdf > Acesso em: 12.maio.2017.



De 04/06/2018 a 06/06/2018

SOUZA, Paulo. **ICMS x PIB: Qual a relação?**Folha do Estado. Disponível em <
<http://paulocsouza.blogspot.com.br/2010/06/icms-x-pib-qual-relacao-21062010.html> >
Acesso em 13.maio.2017.

ZIKMUND, W. G. **Business research methods**. 5.ed. Fort Worth, TX: Dryden, 2000.